

Mitociclagens Alienígenas

“Galactus está faminto e somente a essência vital de um planeta inteiro pode saciar a sua fome.”

Galactus

A primeira coisa que me atraiu a atenção no laboratório de Cassaro, em meio àquela galeria de “seres” de folha de alumínio que remetiam a um universo meio infantil, foi que eles eram feitos também da matéria da imagem. Havia algo diverso tanto do modelo monolítico da escultura “clássica”, que cria a unidade a partir do bloco, quanto do construtivo “moderno”, que relaciona livremente elementos e multiplica pontos de vista. Corpos concretos eram transformados de uma coisa em outra sem acrescentar nem tirar nada. Ao contrário da alquimia, porém, sua substância permanecia a mesma. O “ser” daquelas criaturas era precisamente criar com o mesmo quantum de matéria outra coisa: uma charneira. Mas a nova dobra do “Bibildung” – a escultura não como forma, mas, literalmente em alemão, como vida em formação –, a versão 2.0 do princípio por trás do irreverente “bioconcretismo” incluía agora a imagem. Cassaro me ofereceu um copo de saquê.

No caminho da cozinha meus olhos perderam-se em um robô de caixas Tetra Pak de suco; órgãos de folhas de alumínio de rótulos de cerveja; vulvas de tampinhas de iogurte; bichos de papel celofane de embrulhar bombom... Não eram coisas rechaçadas depois de “vivas” – as únicas marcas ali eram as dos rótulos dos produtos –, mas restos da assepsia. O que sobra entre o que foi consumido e o que está por consumir. Variante de Merzbau com objetos casuais domésticos utilizados para criar, sem tirar nem pôr, por um método particular, com apenas a ação sobre a matéria, outra coisa, que não deixa de ser ainda a primeira. Camuflagens. Tomei outro copo da beberagem oriental.

Toda matéria é um Cavalo de Tróia. A força insurgente daqueles seres, entes e órgãos, retirada do “barro” dos rótulos, despertada de seu sono bem embalado, fora novamente incubada: dobradiças extra-sensíveis. Nos cubos infláveis e penetráveis dos primeiros trabalhos do artista, a mesma matéria, graças ao sopro vital de alguns ventiladores, passava a ocupar ampla extensão no espaço. O alimento do futuro era escultura. Depois, na torção de latas de mantimentos, operação toponímica com o gesto decisivo da dobra, também tudo mudava sem, no entanto, alterar a matéria. Agora que o ar tornou-se imagem, os cubos de ar são engaiolados e resguardados em “Levitação cúbica”; os organismos viram personagens; surge a metáfora geométrica da totalidade: a esfera.

De sua forma é deduzida a estrela, letra-guia, tabuleta no céu dizendo: a terra incógnita é por aqui. Mas onde se vê o brilho sedutor do signo divinatório se vê também, no fundo, contra o seu contorno, a mandíbula da lampreia, vampiro do mar: Antropofagia Industrial Alienígena (A.I.A). A palindrômica sigla (o “I” poderia referir-se também a Informacional) apresenta o Fatos de Mercado: esferas aglutinadas com a infinita capacidade de se adaptar, transformar e receber imagens – Merzbau em branco –, superfície que atrai com hospitalidade para o seu campo epitelial imagens que chegam de enxurrada, mas que não assume figura semelhante a nenhuma daquelas que estampa. Cassaro nos serviu outra dose.

A partir da deglutição construtiva de esferas, como anteriormente de cubos, o Fatos de Mercado pode utilizar-se de embalagens de pizza, tampas de copos de refrigerante de grandes cadeias de lanchonete e todo o arsenal esférico do nosso cotidiano mergulhado em imagens. Na passagem da topologia à mitologia entram cordel, HQ, mangá, grafite. A rigorosa pesquisa da fisiologia de um mito de alumínio pode passar por display de motocicleta em loja de veículos importados. Obras podem ser objetos de design, apropriando-se da lógica de integração funcional na sociedade. No mundo dos tigres

asiáticos, o Fatos de Mercado veste indumentárias orientais como a Toy Art e outros lugares comuns do setor do consumo que se tornou a arte contemporânea. Ele pertence a um tempo em que a operação de linguagem de Duchamp está entranhada de tal modo na cultura que mercado é imagem e imagem é valor de mercado. Se o dadaísmo queria separar-se de toda a história da arte, o que manifesta hoje o novo ciclo de infantilização? O líquido não ocupava mais o interior dos copos. Enchemo-os outra vez.

O Fatos de Mercado foi engendrado pelo Macunamause para bater o boom chinês na feira do mercado global. Sua inspiração robótica, como a da galeria de personagens de metal que reluz, é uma anti-veneração devoradora da tecnologia que tem mais a ver com Nam June Paik nos contextos da hipermídia e das disputas do capitalismo cognitivo pelo comunismo da atenção. O mito é a construção, com as roupas de imagens que a ele aderem, de uma nova linguagem. A linguagem é o mito contemporâneo e o Fatos de Mercado é uma escultura com a cultura, o sumo do consumo. Enchemos a garrafa de ar. Brindamos ao novo totem. Reintegrará ele a sociedade em suas esferas aglutinadas? Estrela. Goela de lampreia. Cassaro indagou: “Será um texto de ficção?”

Fernando Gerheim